

## COORDENAÇÃO NECESSÁRIA

Na recessão econômica, quando caem a propensão a consumir e a investir, com o surgimento de elevada capacidade ociosa, por onde deve o Governo começar para retornar a expansão das atividades econômicas? Injetar recursos públicos, quando é evidente que grande parte do problema é o fato de o Governo gastar mais do que arrecada?

Ao que tudo indica, o melhor caminho é o "easy money", oferecer expansão do crédito através dos bancos a juros baixos, criando incentivos com recursos praticamente sem custos. É aí que entra a política monetária do Banco Central associada com a política fiscal do Ministério da Fazenda. A política monetária e a política fiscal devem caminhar juntas dentro da política econômica do Governo. Não é isso que vem acontecendo no Brasil. Falta comando.

A questão mais importante na atualidade é a retomada do emprego e o combate ao desemprego. Para tanto, é preciso criar um ambiente favorável e de segurança jurídica para que os empresários privados se animem a investir a criar novos empregos; é preciso dar flexibilidade às relações capital trabalho, como o

apoio e garantia à terceirização, à flexibilização da política trabalhista, reforçando as negociações coletivas com base na prevalência do negociado sobre o legislado.

### O DRAMA FLUMINENSE

*"Atuando com amparo na própria legislação em vigor, o país poderia se beneficiar rapidamente de investimentos adicionais de monta e forte geração desempregos no Estado do Rio de Janeiro,*

*onde a crise fiscal local e o fim das olimpíadas expõem uma ferida social difícil de cicatrizar sem ações específicas voltadas para esse fim. Só que, se o governo não se apressar, os ingredientes de uma crise social explosiva estão postos na mesa dos cariocas, e o setor privado pouco poderá fazer antes de o setor público como um todo tocar a parte que lhe cabe"*

(Raul Velloso – O Globo 12/09/16)

## ATIVIDADES ECONÔMICAS

É quase um consenso dentre os economistas, que a economia bateu o "fundo do poço". Segundo um levantamento da FGV, sete dos dez principais setores da atividade econômica esboçam alguma recuperação, ou ao menos pararam de piorar. Também é consenso que a robustez e a velocidade de recuperação estão nas mãos do governo.

A melhora recente dos indicadores de confiança empresariais e dos consumidores ainda não sinaliza retomada plena da atividade econômica no país. O aumento dos índices de confiança também indicam que o "fundo do poço" chegou, além de um desejo e uma esperança de retomada, mas não é um indicativo, de fato, de retomada dos investimentos pelos empresários, por exemplo.

O índice de confiança empresarial, calculado pela FGV, teve alta de 2,4% na passagem de julho para agosto. A Fundação entende que os próximos meses serão decisivos para determinar a direção do índice de condições atuais, que não tem evoluído positivamente na mesma velocidade do que as expectativas. Esse fenômeno vem ocorrendo tanto nos dados de confiança colhidos juntos aos empresários quanto aos consumidores.

O número de famílias endividadas cresceu para 58% das famílias brasileiras

em agosto, ante 57,7% em julho, como mostrou a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), da CNC. O número de agosto é menor do que o de agosto de 2015, quando 65,5% das famílias possuíam algum tipo de dívida. Já o percentual de famílias com contas em atraso, 24,4%, se mantém mais alto nas duas bases de comparação. O mesmo ocorre com as famílias que relatam não ter como pagar suas dívidas: 9,4% do total, percentual mais elevado do que o de julho e do que o de agosto de 2015.

### ***PIB e Investimentos***

O PIB encolheu 0,6% no segundo semestre, conforme mostrou o IBGE, com modesta recuperação da indústria e dos investimentos. Na comparação anual, a queda é de 3,8%.

<b>Atividade econômica no segundo semestre (Variação %)</b>		
<i>oferta</i>	Agropecuária	-2,0
	Serviços	-0,8
	Indústria	0,3
<i>demanda</i>	Consumo das famílias	-0,7
	Consumo do Governo	-0,5
	Formação Bruta de Capital Fixo	0,4
	Exportações	0,4
	Importações	4,5
<b>PIB</b>		<b>-0,6</b>

Fonte: IBGE

- 4,9% é a queda do PIB acumulada em quatro trimestres;
- 16,8% do PIB foi a taxa de investimentos, quase dois pontos percentuais inferior aos 18,4% do segundo trimestre de 2015;
- PIB, consumo das famílias e serviços acumulam seis resultados negativos seguidos.

Após dez trimestres consecutivos da queda, a recuperação dos investimentos através do aumento (+0,4%) da formação bruta de capital fixo é a boa notícia do PIB. Na visão do IPEA, o salto no consumo de máquinas e equipamentos teria sido influenciado pelo bom desempenho da produção doméstica de bens de capital ao longo do segundo trimestre,

particularmente, pelo aumento das importações registrado em junho.

Por outro lado, a AEB considera que o aumento das importações desses bens está mais relacionado com o tempo que eles demoram para chegar ao Brasil (entre um e dois anos) do que um sinal de recuperação.

Os analistas consideram que a economia brasileira caminha para sair da recessão, e pode voltar ao terreno positivo no quarto trimestre deste ano, devendo ganhar mais força em 2017 e 2018. No entanto, esse cenário depende da queda mais acentuada dos juros em 2017.

### ***Indústria***

A indústria brasileira começou o segundo semestre do ano em ritmo mais lento do que em meses anteriores. A alta mostrada na PIM-PF do IBGE foi somente de 0,1% em relação a junho, o que representa uma retomada ainda frágil do setor. Nos últimos cinco meses, o indicador acumulou alta de 3,7%, mas, apesar dos resultados positivos, os avanços fizeram a indústria recuperar apenas parte das perdas de 2015.

O nível de utilização da capacidade instalada da indústria brasileira caiu 0,3 ponto percentual entre os meses de junho e julho, com ajuste sazonal, chegando a 76,9%.

### ***Comércio***

As vendas do comércio varejista voltaram a cair na passagem de junho para julho: -0,3% foi o resultado de perdas disseminadas entre as atividades pesquisadas, o que frustra as expectativas de estabilidade do setor.

As vendas estão ganhando força nos supermercados, à medida que cresceram 7,58% em julho em relação a junho, e +4,20%, em confronto com julho de 2015.

Enquanto a intenção de expandir comércio em São Paulo cresceu 15,8% em agosto, as vendas do comércio do Rio de Janeiro caíram 7,1% em julho, na

comparação com o mesmo mês do ano anterior.

No primeiro semestre de 2016, as vendas pela internet alcançaram um faturamento de R\$ 19,6 bilhões, o que representa um crescimento nominal de 5,2% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Desemprego, juros altos e carestia reduzem compras das famílias. A queda de abril a junho atingiu 0,7% em relação aos três meses anteriores. Com menos espaço no orçamento para gastos, as famílias estão vivendo cada vez mais do básico.

A CNC prevê queda de 3,5% no volume de vendas no Natal e menos 2,4% de postos de trabalho em relação ao mesmo período de 2015.

### ***Agricultura***

No primeiro semestre, o clima foi desfavorável ao campo como há muito não se via. O resultado foi o aumento dos preços de alimentos básicos, como arroz, feijão, hortaliças e carnes. Somado a isso, com as dezenas de milhões de toneladas de grãos perdidas na safra 2015/16 em virtude do clima, o PIB da agropecuária caiu 3,1%.

Ademais, com os preços altos, alimentos básicos tiveram forte impacto nos índices inflacionários, prejudicando o orçamento das famílias em 2016.

Ainda como consequência do clima, houve queda nas estimativas de agosto para a produção agrícola brasileira em 2016. A quebra na safra foi puxada, principalmente, pela baixa do milho, que representa 35,2% de toda a colheita nacional.

### ***Mercado de Trabalho***

A taxa de desemprego registrou 11,6% no trimestre encerrado em julho, voltou a bater recorde, o maior patamar registrado pela Pnad Contínua. O aprofundamento da recessão levou o mercado de trabalho no Brasil a regredir a níveis de 2013.

Estima-se que a economia levará pelo menos mais dois anos para que a

massa salarial real volte ao nível anterior à recessão. Desde 2014, o total de rendimentos recebidos pelo trabalhador caiu R\$ 10 bilhões.

O desemprego ainda deve apresentar piora nos próximos trimestres. Da mesma forma que o mercado de trabalho demorou a demitir quando a atividade econômica começou a falhar, o emprego também deve levar um tempo antes de reagir quando o PIB do País começar a se recuperar.

A crise levou à redução drástica nas vendas e na produção de veículos no Brasil, provocando o corte de 2014 até hoje de 200 mil trabalhadores no setor.

De acordo com a previsão feita pela CNC, o varejo deve fechar 230 mil vagas. Caso se confirme, será o pior resultado para o setor em mais de uma década. Apesar do cenário desfavorável, a projeção é menor do que a realizada no mês de maio pela entidade.

### ***Sistema Financeiro***

O COPOM resolveu manter a taxa básica de juros em 14,25% na última reunião, deixou de dizer que não há espaço para uma flexibilização, e, pela primeira vez desde abril de 2013, começou a discutir os requisitos para baixar os juros.

O próximo encontro do COPOM será em outubro, e o debate entre os especialistas é de se haverá tempo hábil para que tais condições sejam atendidas (menor persistência inflacionária, recuo dos componentes da inflação mais sensíveis à política monetária, redução das incertezas sobre o ajuste fiscal).

A oferta de crédito continua emperrada: em julho, o saldo de empréstimos bancários atingiu 51,4% do PIB, 0,5 ponto percentual menor do que em junho, e 3,1 pontos percentuais menor do que em dezembro.

A recessão tornou escassa uma modalidade de crédito fundamental às empresas, especialmente as de menor porte, o capital de giro. Nos últimos 12 meses, o volume de crédito para este segmento encolheu R\$ 39

bilhões, passando de R\$ 384 bilhões, para R\$ 345 bilhões, queda de 10% no saldo das linhas de giro.

Também deteriorou o saldo da poupança em 2016: entre janeiro e agosto, as saídas líquidas somaram R\$ 48,2 bilhões. Somente no mês, R\$ 4,5 bilhões deixaram a aplicação, segundo pior agosto desde 1995, de acordo com o Banco Central. Em todo o ano passado, as saídas líquidas foram de R\$ 53,6 bilhões.

### ***Inflação***

A inflação medida pelo IPCA desacelerou em agosto, mas a taxa é a maior para o mês desde 2007. Os preços dos alimentos subiram menos, fazendo com que a inflação oficial arrefecesse para 0,44%. Em julho o IPCA havia sido 0,52%, no ano o índice acumula 5,42%, e em 12 meses 8,97%.

Depois de superar 1% em julho, os preços dos alimentos perderam força ao longo de agosto, em especial devido às altas menores do feijão e do leite. Os economistas dizem que o ritmo de desinflação continua lento.

O feijão e o leite mais baratos levaram ao enfraquecimento da inflação das famílias de baixa renda: o IPC-C1 (Índice de Preços ao Consumidor Classe 1), que apura o impacto dos preços na renda das famílias com até 2,5 salários mínimos mensais, desacelerou de 0,34% em julho para 0,20% em agosto. É a menor taxa desde agosto de 2015 (0,06%).

O mercado projetou, no último Boletim Focus do Banco Central, que o IPCA deste ano deverá ser 7,34%, acima dos 7,31% projetados anteriormente. Para 2017 a expectativa saltou de 5,12% para 5,14%.

### ***Setor Público***

Ponto positivo: no dia 08/09, o Senado aprovou o projeto de lei que contempla o PPI – Programa de Parcerias de Investimentos, pelo qual o Governo

Temer espera acelerar a venda de ativos das empresas estatais e atrair capitais privados.

O governo apresentou pacote com 34 projetos de concessão e privatização na área de infraestrutura, mas os valores dos investimentos totais não foram estimados. Cerca de R\$ 30 bilhões estarão disponíveis para financiamentos via BNDES e FI-FGTS a partir de 2017. Assim, os empregos potenciais não serão gerados em 2016.

Muito importante: segundo o Ministro da Fazenda, a reforma da previdência deverá estar pronta e anunciada no final deste mês, quando o Presidente Temer deverá encaminhar o projeto ao Congresso Nacional. A reforma da previdência é o ponto crucial do reajuste fiscal (PEC 241), pois o prejuízo do Sistema Geral da Previdência Social (SGPS) já atinge, hoje, 85% do déficit primário do Governo.

O Ministério da Fazenda pensa em colher opinião de especialistas que lidam com o tema da Previdência, porque mudar o FGTS para torna-lo efetivamente poupança de longo prazo é tema polêmico, é um vespeiro, e dificultar o acesso ao Fundo pode ferir de morte o Governo Temer.

Os dados, por outro lado, reforçam a urgência da reforma previdenciária: o déficit de R\$ 11,8 bilhões em julho e de R\$ 73,2 bilhões nos sete primeiros meses do ano confirmam as previsões de que o saldo negativo deverá fechar o ano em R\$ 149,2 bilhões. As regras de aposentadoria dos trabalhadores do setor privado serão revistas, mas as dos empregados do setor público deverão entrar na roda também.

Os funcionários do Tesouro Nacional pedem equiparação salarial a Receita Federal, de cujos servidos conseguiram aumento salarial de 50% e bonificação por eficiência. A chefe do Tesouro, Ana Paula Vescovi, já afirmou que não há espaço nas contas públicas para novo reajuste aos funcionários do Tesouro.

No centro das disputas no Congresso Nacional por mais recursos, as despesas da área de saúde ficarão R\$ 6,3

bilhões acima do piso constitucional, de acordo com a LDO 2017. Já na educação, a cifra projetada pelo Governo supera R\$ 33,5 bilhões, de acordo com o Ministério do Planejamento. Especialistas dizem que há subfinanciamento.

### Setor Externo

As importações brasileiras apresentaram no mês de agosto a menor queda em quase dois anos. O Governo interpreta como um possível sinal de recuperação da economia brasileira. O resultado da balança no mês foi um superávit de US\$ 4,1 bilhões, o maior para o mês desde 2006.

As importações brasileiras de produtos lácteos voltaram a subir em agosto, ampliando ainda mais o déficit da balança comercial no segmento.

As exportações de autopeças caíram 24,7% nos oito primeiros meses deste ano. É a maior retração entre os bens manufaturados registrada de janeiro a agosto.

O comércio exterior apresentou a primeira contribuição negativa para o PIB no segundo trimestre de 2016, após cinco trimestres de alta. O desempenho ruim ocorreu em virtude do avanço mais forte das importações no 2º trimestre, estimulado pela valorização do real.

Com o objetivo de atrair investimentos chineses para o País, principalmente na área de infraestrutura, o Governo brasileiro apresentou em Xangai um “cardápio” de investimentos de US\$ 269 bilhões.

As empresas brasileiras captaram US\$ 15,5 bilhões no ano, através de uma estratégia de levantamento de recursos no exterior, explorando o forte apetite dos investidores por retorno em um cenário global de juros negativos.

O Brasil voltou a perder posições no ranking de desempenho econômico global ao registrar queda de 3,8% no PIB do 2º trimestre em relação ao mesmo período do ano passado.



Fonte: Austin Rating

No cenário internacional, após anos de estagnação e queda, a renda familiar mediana nos EUA começou a se recuperar, apontando crescimento de 5,2% no ano de 2015 em relação a 2014. A economia norte-americana, porém, criou menos vagas do que o previsto em agosto desse ano. A taxa de desemprego se manteve estável, a 4,9%, reduzindo especulações sobre a alta dos juros.